

«HISTÓRIAS» DE PRAXE, FRAGMENTOS DA VIDA ASSOCIATIVA E DA SOCIABILIDADE ESTUDANTIS...

Marcélia Pereira/Renanda Montinho (Orgs.)
Diana Lavares/José Teixeira Lopes/Cabrita Mota (Comentário)

Num momento como o da entrada na universidade, que assinala a transição de uma categoria de indivíduos jovens a uma nova condição como jovens estudantes universitários/as e requer a sua contextualização no âmbito de novas relações sociais e modos de sociabilidades estudantis e da vida associativa com os seus pares, a praxe assume um papel significativo nos rituais iniciáticos ou *rituais de passagem*¹ (Van Gennep, 1981).

Com efeito, no contexto universitário português tornou-se habitual assistir a um conjunto de práticas rituais de abertura e de encerramento do ano lectivo – respectivamente, praxar os/as caloiros/as e a Queima das Fitas – que, ultrapassando as fronteiras da(s) faculdade(s), tomam lugar no espaço público não passam despercebidas nem nas ruas da cidade nem no *campus* universitário.

* Universidade do Porto. CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (Porto/Portugal), coordenadora do Subgrupo B (Os Quotidianos Discentes em Ciências da Educação) do Projecto VPP.

** Bolseira de investigação do Projecto VPP.

*** Instituto Superior Politécnico Gaya – ISPGaya (Vila Nova de Gaia/Portugal).

**** Universidade do Porto. Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras (Porto/Portugal).

***** Psicóloga clínica.

¹ A entrada no ensino superior pode ser perspectivada como uma «passagem» que implica a participação dos recém chegadas à universidade em rituais de integração, neste caso, a praxe académica. Van Gennep (1981: 155) designou-os por «ritos de passagem» e definiu-os como «conjuntos cerimoniais que acompanham, facilitam ou condicionam a passagem de um dos estágios da vida a outro [...]». A este propósito, Rivière (1995: 112) refere que «[...] não são os adultos que iniciam os/as jovens mas os/as jovens que obrigam os mais jovens a condutas de respeito e de obediência. O novo estatuto autenticado é o estatuto de estudante».

Dadas as formas inusitadas de visibilidade e audibilidade que assumem as formas colectivas e exclusivas da apresentação de si, os comportamentos e as actividades inerentes à praxe académica, bem como o registo de ocorrências, algumas delas com um desfecho fatal e/ou nem sempre pacíficas entre os/as estudantes – conflitos abertos entre grupos de estudantes a favor ou contra a praxe tornou-se um assunto polémico que passou a fazer parte da agenda da comunicação social (imprensa, TV, rádio), das instituições universitárias, suscitando ainda o debate na opinião pública em geral. Decorrendo sob a iniciativa e a ajuda de grupos de estudantes mais velhos e veteranos organizados em comissões de praxe, tais práticas dos modos de sociabilidade estudantil pautam-se pelo seu carácter exclusivo, distintivo, colectivo e público.

Ora, pelas proporções significativas que, por relação ao passado, assumiram as manifestações públicas da praxe envolvendo estudantes da licenciatura em Ciências da Educação (LCE) a partir do ano lectivo 2002/2003², a polémica também se instalou no interior da Faculdade, em particular nesta licenciatura, envolvendo os seus docentes e estudantes e ainda órgãos de gestão, associação de estudantes e comissão de praxe, uns a favor, outros contra, uns complacentes, outros críticos... Das discussões no circuito fechado das sala de aula às conversas nos corredores e no bar, à organização de debates públicos, o assunto praxe não deixou/a ninguém indiferente.

A organização desta secção dos *diálogos sobre o vivido* pretende então, pela voz dos/as principais protagonistas da praxe – os/as estudantes –, «recontar» as suas «histórias» vividas como «caloiros/as», «semiputos» e «putos»³, no decurso dos 1º, 2º e 3º anos da licenciatura em Ciências da Educação. As «histórias» que aqui se apresentam reestruturadas numa perspectiva longitudinal foram colhidas através de entrevistas compreensivas realizadas ao longo dos anos lectivos 2002-2005, no âmbito da investigação sobre os quotidianos discentes na licenciatura em Ciências da Educação. A sua selecção, não sendo exaustiva, quis-se

² No caso da FPCE-UP, e por razões que se prendem com as características dos/as estudantes que até então frequentaram a LCE, maioritariamente trabalhadores-estudantes e para quem este momento constituía uma «segunda» entrada no ensino superior, a recepção ao caloiro era, quase exclusivamente conduzida e dirigida por/a estudantes do curso de Psicologia.

³ Apenas se incluem nesta terminologia os/as estudantes que se mantiveram até ao final nas actividades praxísticas.

representativa da diversidade de experiências e sentimentos vividos, procurando dar conta das suas trajectórias associadas ao caso particular que a praxe assume nas sociabilidades estudantis universitárias por forma a evidenciar as transformações dos diferentes comportamentos, atitudes, sentimentos dos/as estudantes relativamente à sua participação ou não na praxe. De igual modo, como poderá apreciar-se na apresentação que encima os discursos, procurou-se que a selecção de registos reflectisse a diversidade de características sociais e demográficas dos/as estudantes da LCE. Nesta sequência, os *diálogos sobre o vivido* organizam-se em duas partes: uma primeira onde se apresentam os «relatos» dos/as estudantes e uma segunda parte constituída por comentários acerca da praxe provenientes de diferentes áreas disciplinares.

1ª Parte

Rapaz, 20 anos, Distrito do Porto, actual membro da associação de estudantes, primeiro universitário da família (E1)

[No 1º ano, à entrada] *Vinba nervoso porque não sabia o que vinba encontrar, como eram as pessoas como não eram... era um bocado de ansiedade... Preocupava-me a relação a estabelecer com as pessoas, o receio de me sentir sozinho, ser cada um por si...*

[Ao longo do 1º ano] *É a entrada no mundo da praxe... são muitos sentimentos difíceis de explicar mas que são transmitidos por essas brincadeiras. Foi um grande sector de integração para mim e para a maior parte deles [colegas] foram as actividades praxísticas e aí a gente conheceu-se, ou pelo menos começámos a saber quem era, de onde era, que idade tinha, qual foi o percurso até aqui, o que espera disto e mais não sei quê... pronto... Começamos a conhecer, depois quando começaram as aulas, eu falo por mim, eu juntei-me mais com pessoas com que se calhar estive na praxe e depois da praxe continuei a estar e já não estive tanto com outras...*

[No 2º ano] *Eu estou na hierarquia acima do caloiro mas há doutores que estão acima de mim. Os que estão no 3º ano são superiores e os que estão no 4º, 5º, os veteranos, essas coisas... há certas coisas que devemos e podemos [fazer] e há certas que não devemos nem podemos fazer, e pronto... limitei-me mais ou menos a cumprir aquelas funções. Nós, do 2º ano, as categorias [de praxe] isso já é predefinido: cada doutor, ou melhor, cada categoria de doutor ou cada doutor como hierarquia*

tem as funções que lhe são atribuídas. Eu vou dar-lhe a minha designação de praxe que é semiputo: nós somos aquilo que se chama a face boa da praxe, ou seja, somos pessoas que por estarmos só um bocadinho mais acima dos alunos do 1º ano devemos estar mais com eles, explicar as coisas, emprestar os apontamentos, falar com eles acerca de coisas da Faculdade. Fora da Faculdade, perguntar como se chama, de onde vêm, se precisam de alguma coisa, se queriam vir para aqui, se não queriam, se estão contentes, se estão desanimados...

[No 3º ano] *Para mim teve um significado especial este ano porque este ano fui eu que estive do lado dos praxantes. É constituída uma comissão e, para mim, se calhar, teve um significado especial por estar mais perto deles, dos caloiros. Houve uma organização diferente porque os doutores dos outros anos não estão vinculados a outras coisas, estão vinculados à praxe. O 1º ano é sempre uma situação diferente, é ser praxado e [o caloiro] dá tudo o que tem e mais o que não tem para se estar a divertir e a fazer as coisas. A partir daí as coisas começam a ser um bocadinho diferentes. No 2º ano é estar mais no papel de observador e contrastar um bocadinho aquilo que foram as nossas vivências enquanto caloiros e os caloiros da altura, do ano passado. Este ano já foi englobar as duas coisas mais a terceira coisa que foi a reflexão sobre os dois anos anteriores: foram dois anos em que aprendi bastante em relação à praxe. O 1º ano, se calhar, é que marcou mais; o 2º ano foi aprender como se praxa, ver os outros a praxarem, ver os outros serem praxados e tirando conclusões e começar também a construir uma identidade. Não vou dizer uma identidade praxística, porque para mim a praxe não se esgota nas brincadeiras que se fazem ali. Para mim, a praxe é a praxe no sentido da integração naquilo que é o objectivo e na parte de formação pessoal porque as próprias relações que vamos tendo quer com quem já cá está quer com quem vai chegando vão tendo influência naquilo que nós vamos sendo; ou seja, agora já passou a parte de maior intensidade da praxe. Este ano foi uma participação mais activa, foi estar mais no centro das coisas e perceber que as coisas partiam um bocadinho de mim e do meu grupo e foi bastante bom para ver a praxe com bons olhos, mais críticos... Gosto muito da praxe...*

Rapaz, 23 anos, vindo da Ilhas, primeiro universitário da família (E4)

[No 1º ano, à entrada] *Senti pânico, não senti ninguém a apoiar-me... Se uma pessoa estava sensível, fica-se pior com a praxe. Eu estava tão mal disposto, eu disse que estava com dores de cabeça e que me ia embora... Aqui não é uma praxe*

muito rigorosa, mas toda a gente participa e nota-se mais se alguém não participar... A praxe devia ser num ambiente mais amigável: comida, música... Aquilo cria uma má adaptação, custa muito... Eu dizia-lhes o que sentia, eu justificava-me e isso foi bom para mim... [a praxe] é muito assustador...

[Ao longo do 1º ano] *Eu vim à praxe e alguns convenceram-me a vir... Já não sei se tenho o direito de desistir, já tenho os meus padrinhos e eles iam ficar tristes... Não gosto da rivalidade com que eles próprios [os doutores] tratam os caloiros, é bruto, é agressivo... A praxe devia ser um momento de convívio extremamente amigável [para] conseguir a integração. O objectivo deles [dos doutores] é esse mas a forma como está a ser feito não é a melhor. No dia da chegada [dos novos estudantes] devia ter recepção com música, amigável; outro dia para a apresentação caloiro-a-caloiro. Isso fazia sentido e, depois, fazer actividades, gritar o nome da faculdade... Uma rapariga que ouviu tanto [durante a praxe] e chorava... e ela continuava a vir, ela deve ter grande gosto pela praxe. Eu dizia-lhe logo muitas coisas na cara... a gente fica longe se não participar na praxe... não há ninguém anti-praxe mas muita gente falta aos encontros semanais...*

[No 2º ano] *No ano passado não participei muito porque não me adaptei bem e as pessoas que estavam à frente não eram humanas: ouvir gritos. Este ano estou a fazer a praxe com a L para podermos trajar. Gosto mais das pessoas que estão à frente daquilo, tenho alguma simpatia por elas e eles sabem a minha condição... Mas, talvez agora, por estar mais adaptado, comprei uma pasta e tive a turma de olho em mim por causa da praxe. Eu digo à L que se [eu] trajar ninguém vai olhar para mim por causa disso, é um direito de estudante universitário usar o traje... mas eu sei que eles me olhavam de baixo para cima. Sou apontado. Se fizer a praxe, as coisas estão correndo [não vou ter problemas em usar o traje]... Só falta quatro vezes para me ver livre disto. Sei que há pessoas muito apaixonadas por isso, não percebo porquê, não entra na minha cabeça...*

[No 3º ano] *A praxe inicialmente não tinha sentido nenhum. Para mim, a praxe não é um sonho, para mim foi muito difícil. O 1º ano foi muito complicado e até cheguei mesmo a desistir, que eu não gostava da praxe, não me identificava com aquele género de actividades. Depois, quando entrei no 2º ano, vi um certo distanciamento entre eu e o resto da turma, das pessoas da turma e no meu grupo, ao fim e ao cabo, pronto... E depois foi complicado e voltei à praxe de novo e já foi um bocado diferente, mas foi complicado porque os meus colegas estavam ali trajados e eu estava ali ainda de quatro, a fazer aquelas actividades, pronto... E então, já foi [no 3º ano] uma nova fase: já comecei a encarar a praxe de outra forma. Já não*

como sendo praxado mas ao praxar. Este ano até foi engraçado porque aquelas duas primeiras semanas de recepção ao caloiro não estava cá porque já cheguei tarde... mas ainda vim três ou quatro dias à praxe e tenbo uma afilhada... [tudo decorreu] naquele espírito de convivência e não daquela rigidez da praxe... daquela componente mais formal. Ter uma afilhada ou um afilhado faz com que a gente sinta uma ligação à praxe: todos os acontecimentos de afilhados, a gente tem que estar presente, é uma obrigação minba. Está sendo giro e, olhando para trás, acho que da minha parte foi um erro desistir da praxe [no 1º ano]. Ser bombardeado com a praxe, aquela rigidez toda... Acho que as coisas correram a seu tempo e ainda bem que assim foram. Sinto-me uma pessoa integrada e não vejo ninguém na sala a olhar e a dizer «aquele está assim»...

Rapaz, 21 anos, Distrito de Vila Real, actual membro da associação de estudantes, não é o primeiro universitário da família (E18)

[No 1º ano, à entrada] Senti-me um bocado perdido... eu tinha algum receio que as pessoas, os colegas não me aceitassem até porque eu tenbo um feitio esquisito... Foi a comissão de praxe que me recebeu... A praxe é uma forma de conhecer os colegas, conhecer a Faculdade, a ajuda à adaptação...

[Ao longo do 1º ano] No 1º ano senti-me um bocado perdido... Na praxe [eu] mudava: se tivéssemos mais actividades, pudéssemos falar mais com os colegas, mais jogos... Participei na praxe apesar de não ser adepto da praxe, participei em todas as actividades praxísticas, jantares da Faculdade, isso tudo....

[No 2º ano] Eu não participei na recepção aos caloiros... Gostei de ser caloiro e andar na praxe mas não me identifico com os ideais da praxe e não participei... Procurei saber as pessoas que tinham entrado, quem estava interessado em praticar desporto... [a praxe] não deve ter sido muito diferente dos outros anos: dão a conhecer a Faculdade, a cidade e pronto... Se calhar, sinto-me na obrigação de passar alguns conhecimentos aos caloiros. Não gosto muito de os tratar como caloiros e, por isso, é que não venho à praxe...

[No 3º ano] Eu não participei... Eu, no 1º ano, claro que participei porque claro... ao contrário do que as pessoas dizem... quem não participa na praxe não é recebido como dizem e, apesar de tudo, eu fiz muitos amigos na praxe e a maior parte das pessoas que eu conheço hoje foi graças à praxe... No entanto, não me identifico nada com a organização da praxe, assim como a maior parte das coisas

que fazem lá... e, ainda por cima, numa Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação é absurdo ter práticas como eles têm apesar de ser uma praxe benévola em relação a outras Faculdades: pôr as pessoas de quatro, obrigá-las a andar de orelbas, berrar... não tem sentido para mim... Acho que [para] introduzir as pessoas novas na Faculdade e na cidade do Porto não tem que haver sofrimento... Há muitas maneiras de o fazer sem haver sofrimento; por isso, não concordo de todo com a praxe e tenbo quase a certeza que nunca mais vou participar... Os outros [caloiros] vão-se vingar daquilo que lhes fizeram. Eu sei porque não concordo com aquilo que me fizeram e, muito menos, fazer isso aos outros. Por isso não participei.

Rapaz, 27 anos, Distrito do Porto, não é o primeiro universitário da família (E23)

[No 1º ano, à entrada] Senti-me um bocado perdido, desorientado, a sensação de primeira vez... com quem se deve ir ter? O que é preciso agora? Onde vou ter?

Foi uma boa recepção... foi a comissão de praxe... gostei dessa recepção... abordaram-me de maneira simpática e gentil, ajudaram a preencher uns impressos e falaram comigo e eu ambientei-me às pessoas que estavam aqui dentro... Sempre foi o meu objectivo respeitar sempre estas tradições... e embora fosse mais velho fiz questão de ser praxado...

[No 2º ano] Este ano não participei em nada... pensamos sempre em comparação connosco: eu ano passado estava assim [em praxe]... tinha pouco tempo... este ano nem participei em nada, há muitos trabalhos e, depois, o trabalho... não dá tempo para nada...

[No 3º ano] Não participei... vi que aquilo [a praxe] já não tinha sentido para mim... até tenbo uma atitude bastante crítica em relação à praxe porque trata-se ali de relações hierárquicas e de subordinação dos caloiros... e isso não tem nada a ver com a minha forma de estar e ainda por cima vai contra a filosofia deste curso... algumas coisas que são preconizadas e desenvolvidas na praxe... abriu-me a minha... o meu lado mais crítico em relação a este tipo de questões... foi logo porque eu vivi sempre antes de entrar na Faculdade. No ensino superior pensava que a praxe era uma coisa óptima que ninguém devia perder. Percebi que não, que podemos aceder a essa dimensão de conhecer pessoas sem ser pela praxe. Aliás, pela praxe, é o meu ponto de vista, só nos ensina a ser submissos, em hierarquias e isso... Tem coisas positivas [a praxe], muitas coisas positivas e integram muitas pes-

soas, certamente integram e conbeço muitos exemplos na minha turma, mas para mim, se calbar, integrava-me na mesma se fosse à praxe... pode ser sinónimo disso para alguns mas não vejo grande utilidade na praxe, não vejo, e pronto... os mais velhos facilitam os outros, ajudam, mas isso para ajudar não vale a pena estarmos inseridos na praxe... Muitas vezes apresentavam: «quem fizer praxe nós ajudamos, quem não fizer praxe não sei quê... mas isso não é um elemento válido para mim. A praxe tem outros objectivos, a praxe que eu idealizo... se calbar isolarem-se, fazem um grupo à parte...

Perdi logo [o interesse] no 1º ano: as actividades que a praxe arrasta... a Associação Académica é diferente da praxe embora a praxe esteja sempre envolvida... há sempre hierarquias, os doutores, mas as actividades que arrastam são sempre positivas: a tuna, o teatro... a própria filosofia é que eu não estou muito de acordo...

Rapariga, 21 anos, Distrito de Vila Real, não é a primeira universitária da família (E5)

[No 1º ano, à entrada] Senti-me completamente perdida. Vim a primeira vez com a minha mãe matricular-me. Vieram ter comigo e perguntaram se eu era caloiira: «Não és anti-praxe?». Estive das 13.30h a ser praxada sozinha. A minha mãe foi esperar para o bar e viu. Não gostei... Vim novamente na terça-feira. Não gostei da recepção... nada... Nem sei porque aderi, mas foi por causa de participar na vida académica e ir para a tuna e sem aderir à praxe ia ser posta de lado... Disseram-me que era na praxe que se arranjam amigos... isso não aconteceu...

[Ao longo do 1º ano] Tive vontade de chorar e mordida o lábio por dentro e sabia que se chorasse ia ser humilhada... Acho que a praxe não está a ser feita para atingir o fim que se pretende... Só podíamos falar nesses quinze minutos e isso não dá para estabelecer relação. Não poder olhá-los... porquê? Andei uma altura que na rua até olhava para o chão, eu olhava para baixo... Eles dizem que o objectivo é inserir, mas eu não consegui... Os jogos que eles fazem acho interessantes [porque] mudava o olhar... Não olhar é uma pessoa que se sente inferiorizada. Se fomentarmos a conversa já é divertir... Nunca ninguém me ralhou e me deu uma bofetada e ali eram bofetadas psicológicas... Tive vontade de chorar, quase fazia uma ferida por morder o lábio... As pessoas falam mal mas eu continuo lá – é tipo chantagem psicológica...

[No 2º ano] Eu não participei. Eu não gosto da maneira como a praxe é feita e acho que já falei muito sobre isso. Mesmo o ano passado, acho que fui só uma vez assistir e este ano cheguei para assistir e nem sequer consegui entrar... vinha trajada e tudo e fui-me embora... Eu fui praxada no 1º ano, precisamente para poder trajar e para poder ir para a tuna – foi por isso. No primeiro dia em que vim à praxe decidi que nunca mais vinha e fartei-me de chorar. Eu estava cá no Porto e estava naquela situação de fragilidade, não conhecia cá ninguém e é muito complicado e isso potenciou a minha reacção. Até disse à minha mãe que nunca mais ia, e depois falei com as pessoas que andavam na Faculdade, mais velhas do que eu, e elas disseram que eu ia ficar a perder por não ir à praxe porque uma pessoa era automaticamente excluída por não ir à praxe e isso eu também não queria. Eu queria ser incluída. Eu não conhecia ninguém, não sabia o que fazer, como me comportar aqui e achei que isso podia ser um veículo para essas coisas que eu precisava num momento que era assim tão complicado e decidi vir e tenho uma amiga que ela é psicóloga e ela disse-me para eu cantar uma canção ou dizer um poema ou fazer uma careta sem pôr a língua de fora e era isso que eu fazia quando me mandavam fazer alguma coisa... quando era uma coisa assim mais engraçada, assim teatrinhos, não me sentia muito mal apesar de não me sentir confortável de me expor daquela maneira porque a maior parte das vezes não são coisas inocentes, são coisas que apelam muito à sexualidade e, às vezes, algumas coisas que me parece falta de educação e algumas anedotas obscenas e eu não me sentia bem a fazer isso... mas quando eram coisas que eu me sentia mais ou menos confortável fazia e, aliás, fazia tudo... umas coisas fazia contrariada, outras não... No início ia sempre mas quando estava na praxe sentia-me desconfortável...

[No 3º ano] Este ano só vim uma vez porque gostava de conhecer os caloiros mas cheguei e senti-me tão distante daquele mundo, daquelas pessoas que nem sequer entrei e fui embora...

Rapariga, 21 anos, Distrito do Porto, não é primeira universitária da família (E7)

[No 1º ano, à entrada] No início tive muito medo da praxe, achava-os muito maus, mas vai ser giro conhecer pessoas novas...

[Ao longo do 1º ano] Não me senti mal. Não me senti desprotegida nem insegura... Eu já conhecia algumas pessoas e depois com isto da praxe vamos fazendo

amizades... Tenho pessoas que conheço e como eu sou logo assim... sinto-me logo bem... Tinha medo de não me conseguir integrar, que as pessoas não gostassem de mim... Eu tinha a ideia que eles não simpatizavam comigo... foi a melhor forma [ser recebida] em praxe. Fui recebida da mesma [maneira] que os outros... sou igual aos outros e eu considero que esta praxe aqui na Faculdade é muito boa... Em Direito quase toda a gente desistiu da praxe... esta é mais soft: fomos passear... Isso faz parte da minha vida académica, é a minha opinião... Se fosse duro, se fosse uma humilhação... Mais vale levar no espírito da brincadeira, mais tarde seremos nós a praxar... Eu era das mais chamadas, uma pessoa passa por eles e sabe quem são e pelo facto de não me calar... damos a mão a quem está ao lado e começamos a falar... No dia seguinte já nos cumprimentamos e a relação vai evoluindo – é isso que a praxe pretende... para mim [a praxe] é uma forma de nós nos conhecermos e de nos inserirmos na Faculdade, fazermos amigos. A intenção é a união e a solidariedade, não andarmos sozinhos, conhecermos os mais velhos, as experiências das aulas... é mesmo isso, é saber estar na Faculdade para um dia mais tarde trajar... Nós somos bebês da academia, temos que obedecer... Mais tarde seremos os adultos a dar a educação. Eu gosto muito da praxe... Tinha medo no início mas aqui é excelente – brincadeiras com piada... Quando dizem que este é o melhor ano, [o 1º ano] é o ano [em] que se compra o traje... Praxar dá muito trabalho e é uma responsabilidade enorme – eles têm uma imaginação que eu fico parva...

[No 2º ano] Senti-me importante por estar trajada... Acho que cá na Faculdade eles nos incutem muito [isso]. Acho que é bom mas porque realmente fui incutida assim – o sentimento ao traje e o valor ao traje... Nós somos praxados e fala-se de humilhação porque acontece estar de quatro e em pé uma tarde inteira e aos berros conosco não é o mais agradável. É para mostrar que eles são superiores a nós e eles é que mandam e nós é que não, mas também tem as suas partes boas... As partes chatas agora lembramos com muitas saudades mas é por isso que agora somos capazes de dar o valor que demos ao traje e traço a capa. Realmente é uma coisa maravilhosa... Sabia-me bem ameaçá-los [aos caloiros], quer dizer... e lembrei-me imenso de quando foi a primeira vez que entrei na Faculdade... Depois, houve gente que eu conhecia dos caloiros, que andava no colégio e eles reconheceram-me e vieram ter comigo, e eu punha-me a brincar com eles, mesmo se não os conhecia. Apanhei caloiros com pais – uns achavam muita piada, outros não acham muita... e enfim, só me despertou sentimentos bons: coitadinhos, eles são caloirinhos... Alguns vinham com medo... A nossa função, no 2º ano que estamos mais próximos deles, é acalmá-los e dizer-lhes... sossegá-los, aquela coisa... o 3º ano,

têm a obrigação ou a função de... há aquela coisa dos olhos no chão que nos custa muito, mas depois ganhamos o gosto. Isso é horrível, o que nós dizemos... o 2º ano é que os acompanha a ir aqui e ali e eles sabem que têm de olhar para o chão. À medida que nos vamos afastando, a gente diz: «podes olhar para mim...» E eles ficam mais calmos...

[No 3º ano] Este ano realmente, para mim, foi muito importante. Foi tão importante como o 1º ano porque eu faço parte da comissão de recepção ao caloiro e... se eu estou lá é por escolha minha como quando integrei a praxe no 1º ano, foi escolha minha... Também estou lá por escolha minha e, foi, sem dúvida uma experiência... Eu, às vezes, acho que aprendo mais na praxe do que nas aulas: não a humilhação de que tanto se fala... que é capaz de haver, e a praxe não é as maravilhas que dizem, mas não é o horror que dizem... Para mim o 3º ano foi mesmo marcante... Depois, são os nossos caloiros, os nossos caloiros... No 2º ano não se pode praxar. Somos caloiros e tal e eu às vezes até brincava porque pode-se dizer a coisa mais estúpida e eles fazem, mas não acho que o facto de não estar na praxe seja discriminatório porque a S não andou na praxe e está bem integrada no grupo, na turma, em tudo... Na praxe, quando se está em praxe, são todos amigos: Psicologia, Ciências da Educação, mesmo com os doutores... Eu acho que participar no 1º e no 3º ano é muito parecido porque participamos muito activamente; quer dizer eu era obrigada a estar no 1º ano como era obrigada a estar no 3º... nunca fui obrigada a estar no 2º ano...

Rapariga, 23 anos, vinda das Ilhas, primeira universitária da família (E8)

[No 1º ano, à entrada] Foi horrível, senti-me deslocada, mas fui bem recebida: deram-me todas as informações que podiam dar e fizeram propostas que eu aceitei... entrar na tuna e participar na praxe...

[Ao longo do 1º ano] No 1º ano não participei na praxe. Logo no 1º semestre pensei em desistir [da praxe] e eles disseram que eu podia ficar lá... só que depois falei uma semana e eles já disseram que eu tinha que ficar até ao final de Maio e eu pensei em desistir...

[No 2º ano] Comecei a gostar da praxe e fui caloiro no 2º ano... Foi muito bom, gostei mais dos passeios, passeios de barco, na baixa... acho mais divertido este ano do que no 1º ano...

[No 3º ano] Este ano acho que foi muito bom para nós porque nós também

podemos praxar os caloiros... Acho que a praxe [este ano] foi muito mais leve do que no 2º ano. O motivo de eu ter desistido no 1º ano: achei muito pesado... os doutores exigiam muito dos caloiros, obrigavam os caloiros a fazer coisas que eles não se sentiam à vontade e eles exigiam que ficássemos de quatro, às vezes de dez⁴ na lama, em cima da lama... obrigavam tipo a fingir orgasmos... De vez em quando faziam isso e eu acho que para os caloiros, por ser o 1º ano, não dava à-vontade para fazer isso à frente de toda a gente... se fosse só numa sala à frente dos caloiros todos... Acho que os doutores foram muito exigentes para os caloiros – essa parte também não gostei muito e depois também era sempre às quartas-feiras até às 18h e tinha outros dias que tínhamos que reunir com os doutores... Eu, no 1º ano, desisti porque achei muito pesado e muito exigente mas, depois, trajar e no final do curso trajar e queimar as fitas... No 1º ano, no final, eu depois fui ao julgamento e disseram que eu não podia [participar na praxe] porque tinha desistido ao mínimo de presenças na praxe. Disseram que tinha de ser um limite e eu não atingi esse limite e eles não me deixaram praxar. Depois, no 2º ano, eles disseram que eu podia estar lá até Janeiro. Em Janeiro, disseram que tinha de estar até Maio, pronto, lá estive o ano todo... Digo-lhe que foi como uma obrigação, mas depois de Janeiro comecei a gostar da praxe, comecei a gostar de estar relacionada com os outros caloiros... Foi muito bom porque comecei a conhecer pessoas novas e no 1º ano não tive essa oportunidade [excepto] nas aulas. Comecei também a relacionar-me com os doutores e comecei também a ver o que eles faziam na praxe... No 1º ano comecei a ver que eles faziam coisas interessantes, teatro... eu se calhar não fui a essas porque apanhei a pior parte, apanhei as piores [praxes] mas no 2º ano também vi que se faziam coisas boas... havia muitas paragens que não ia e a contar ao todo fui a seis praxes... Em Abril foi o julgamento, quando eles me disseram que não podia trajar... Depois em Outubro vim, falei com os doutores, perguntei se podia trajar e eles disseram que podia trajar mas que tinha de assistir à praxe até Janeiro...

No 3º ano não estive muitas vezes, estive só uma vez a ver como é que os doutores praxavam os caloiros... Desta vez também senti diferente. Desta vez estava do lado de lá, não estava a fazer o quatro no chão, estava em pé e foi completamente diferente porque... é a tal coisa: olhar para lá para ver que eu também estive lá. Mas, comparado com ano passado, acho que foi muito melhor porque me consegui integrar muito melhor... Depois não continuei por causa dos trabalhos...

⁴ Deitados na lama.

Rapariga, 21 anos, Distrito de Aveiro, primeira universitária da família (E9)

[No 1º ano, à entrada] Estava muito amedrontada mas depois... ouvi histórias horríveis da praxe. Quase não dormi... Era a praxe que me preocupava e eu queria aderir, mas ouvia histórias... Eu entrei com uma colega de Gaia mas ela estudou em Vale de Cambra e a solidão não me preocupava... Eu, no fundo, acho que a praxe é saudável se no primeiro dia fosse uma integração e no segundo dia fosse a praxe... Mas, por outro lado, a praxe aqui não custa assim tanto... No primeiro dia é um pouco brusco mas eles atendem a isso também...

[Ao longo do 1º ano] A princípio senti revolta e vontade de ir embora porque eles são duros. É uma linguagem e uma superioridade... e, por vezes, somos humilhados... Eu continuo na praxe porque quero trajar... Aprendemos a entrar com humildade... Na primeira semana tudo bem... agora, até Dezembro ou Janeiro... mas são regras... Todas as semanas até à queima é às tardes de quarta ou sexta... Acho que se fosse só uma hora... agora todas as semanas, não tem fundamento...

[No 2º ano] Estive nas duas semanas... nada de especial, mas acho que as coisas ano passado estavam melhor organizadas, faziam mais sentido... É a tal coisa, nós enquanto semiputos não nos organizamos, vamos à casa de banho com eles... fazemos muito pouco, não podemos falar, só podemos dar algum apoio: «Estás bem? Queres ir à casa de banho?», enquanto fora da praxe podemos falar mais com eles: se são de longe ou de perto, qual foi a primeira opção deles... essas coisas... Senti menos envolvimento apesar de estar com o traje – uma pessoa vem se quiser, se lhe apetecer, não tem que estar aquelas horas ali... se apetecer olha os caloiros, se não, não olha, é diferente...

[No 3º ano] É assim: este ano não participei na praxe e se eu entrasse este ano para a Faculdade era antipraxe porque, enfim... ao longo do curso e não só o curso, também a própria maturidade das pessoas, revela-nos algumas coisas e, de facto, nós entramos aqui no 1º ano e é o medo, o medo de sermos discriminados e sermos diferenciados... Então vamos à praxe que até nos incutem coisas como: «não vais à praxe não podes trajar, não vais à praxe não vais aos jantares da faculdade...», quando, isso tudo, no fundo, não é determinante para a integração, eu acho... E então actualmente, acho [que], depois de ver algumas coisas e de ler umas coisas também e de algumas experiências que eu ouço... actualmente, eu era antipraxe porque era uma maneira de enfim... antiquadíssima, super... como hei-de dizer? É uma maneira repressiva que não tem nada a ver com os valores que

eles preconizam dentro da praxe: «vamos ser todos amigos, vamos... Tudo o que eles lá dizem contraria e contrariam-se ao utilizarem uma coisa que se chama praxe: a submissão, a obediência passiva... As pessoas nem sabem porque é que fazem... Este ano não participei. Vim uma vez trajada, o primeiro dia ou quê, mas só porque tinha curiosidade porque era o meu ano a praxar, mas, depois, sinceramente, pensei que tenbo de estar num lado ou no outro e já que isto não tem qualquer significado não vou participar... ano passado, por questões de trabalho, também deixei e porque deixou de fazer sentido. No 1º ano, eu sempre disse que a partir do momento em que puder trajar nunca mais venbo aí, nunca mais participo nisto porque o meu objectivo era trajar... A partir do momento em que trajei, para mim não bouve ali nada que me pudesse atrair para eu ficar...

Claro que isto é uma liberdade um bocadinho camuflada. Não há cá liberdade, porque 90% das pessoas vão à praxe: quando nos dizem no início podes ser a favor da praxe ou antipraxe, nós percebemos que quem nos aborda são praxistas, pessoas que estão trajadas. Qual é a nossa margem para ser antipraxe? Quer dizer, isto é um bocadinho... Eu cheguei, vi toda a gente a ir à praxe... Eu era uma miúda e ainda por cima, vinha do interior cheia de medo, cheia de dúvidas... Deixa-me ir à praxe... foi essa a questão... Agora eles dizem que dão margem mas é uma margem um bocadinho relativa... Isto é a minha opinião. A minha irmã vai entrar para o ensino superior e eu quero incentivá-la a não ir à praxe. O que se passa é que eu também não sei até que ponto eu posso estar a prejudicá-la. Eu, actualmente, sou antipraxe porque acho que há outras maneiras de nos sentirmos integradas, só que tenbo medo que os contextos variem e que a minha irmã vá para uma Faculdade em que à partida pode ser discriminada. Isso também é muito confuso... Agora, sou eu que desenvolvi determinadas estruturas, não era eu no 1º ano... As formas [para se sentir integrada] não existem, mas que podem existir [formas diferentes] podem... Há coisas que não são propriamente de submissão: há jogos, há visitas ao Porto... nós conhecemos um bocadinho a cidade... A parte dos jogos fazem sentir-nos mais unidos, a cooperação, essas coisas... realçar determinados valores e também há... ensina-nos algumas coisas e isso pode ser tudo feito sem ser numa lógica de «eu doutor... tu és o caloiro...» Agora, o que nos dizem é que: «você para qualquer sítio que vão têm que aprender que há uma hierarquia e vocês aqui aprendem que não podem entrar a matar... é esse o grande objectivo da praxe... Ora eu sou contra. Não é num ambiente repressivo que se vai aprender esses valores... essas formas [diferentes de praxar] nesta Faculdade não existem. Ninguém ousa declarar-se e fazer um movimento antipraxe – é a minha opinião...»

Referências bibliográficas

- RIVIÈRE, Claude (1995). *Les rites profanes*. Paris: PUF.
VAN GENNEP, Arnold (1981). *Les rites de passages*. Paris: Picard.

COMENTÁRIO DE DIANA TAVARES

No contexto universitário português, a praxe académica assume uma quota-parte bastante significativa nos rituais iniciáticos do novo estudante. A proposta de analisar a praxe enquanto fenómeno ritual, implica a omnipresença da certeza de que o quadro disciplinar e o objecto da investigação restringem, à partida, o campo das opções metodológicas. Neste trabalho, não seriam razoáveis outros métodos que não a observação directa e a entrevista, únicos meios de apreender a riqueza e complexidade da realidade em análise e captar os sentidos das práticas.

A praxe como um ritual?

«Os rituais fazem a pontuação da vida social: impõem pausas, suspendem o tempo, compartimentam períodos, dispõem a recomenços» (Ribeiro, 2001).

Dentro da variedade imensa de rituais de que a humanidade foi fazendo uso ao longo da sua evolução, houve a feliz opção pela focalização da Praxe enquanto «rito de passagem», definido por Van Gennep como «conjuntos cerimoniais que acompanham, facilitam ou condicionam a passagem de um dos estágios da vida a outro ou de uma situação social a outra» (1977: 155). A sua principal função seria a de marcar a transição entre dois estados/estatutos sociais diferentes, que implica uma transformação do próprio estatuto e mesmo de identidade. Daí que em muitos rituais de passagem se usem simbolicamente as pontes, as portas, os túneis como momento de passagem, de transição. Na praxe académica podemos encontrar inúmeras simbologias de passagem, note-se, por exemplo, o facto do caloiro se tornar estudante quando passa frente à tribuna onde está o Reitor, durante o cortejo da Queima das Fitas.

Na abordagem de Van Gennep, os ritos de passagem estruturam-se segundo três momentos sequenciais, assumindo-se num esquema tripartido:

- os ritos de separação do estado anterior e inferior;
- os ritos de margem que constituem um «limbo de indefinição» (Ribeiro, 2001: 39), uma «flutuação entre dois mundos» (Van Gennep, 1977: 36), em que se espera, se aprende e se preparam competências para ser capaz de aceder a um novo patamar, em que já se não é o que era, mas ainda não é o que será;
- os ritos de agregação ao novo estado ou estatuto.

A praxe académica parece-nos indiscutivelmente um ritual de passagem, um rito de elevação do status que «transforma» o caloiro em estudante universitário de pleno direito, e num contexto social mais amplo celebra a entrada do jovem no nível superior e de «elite» de ensino. Poder-se-ia, ainda ir mais além e ver na praxe, embora não explícita ou linearmente, a ritualização da passagem entre a dependência da criança e do jovem em relação às figuras paternas e à autonomia do adulto. No entanto, a praxe não deixa de ser uma celebração de uma ascensão estatutária, pois não depende deste fenómeno social a possibilidade de frequência do ensino superior, mas do cumprimento das metas de conhecimento impostas pelas provas de acesso ao ensino superior. Ou seja, quando os estudantes entram no processo ritual da praxe tem já um lugar assegurado na instituição para onde o ritual pretende fazê-los passar. A incongruência é explícita ao verificarmos que a passagem objectiva está consumada mesmo antes da emergência do ritual que se augura leva-la a cabo. Tratam-se de dois «direitos de entrada», dois «passaportes» diferentes e simultâneos/sobrepostos:

- a entrada no ensino superior que advém do esforço e dos resultados conseguidos no ensino secundário;
- e a entrada na comunidade e na identidade dos estudantes universitários, que é conseguida com a sujeição a exigências dos seus colegas mais antigos e que assume um carácter marcadamente simbólico e ritual («Nós somos bebés da academia, temos de obedecer... Mais tarde seremos os adultos a dar a educação...»).

É precisamente esta segunda entrada que permite o ritual, realçando o significado social da primeira entrada. A este verdadeiro efeito de retroacção não será indiferente o facto da espectacularidade de todo «o colorido das formas rituais da praxe dos caloiros – que é em si mesmo um processo de construção da identidade estudantil – operar a maquilhagem simbólica daquilo que aparentemente não é mais do que a celebração festiva da entrada no ensino superior» (Ribeiro, 2001: 44). A praxe «porque se reveste de aspectos rituais, actua em simultâneo ao nível da comunidade de estudantes, integrando-a ao mesmo tempo que a constitui como corpo social separado e sendo móbil de auto-reflexão, e ao nível do fluxo de passagens biográficas, a que todas as sociedades dão visibilidade e de que cuidam com maior ou menor enlevo» (*ibid.*).

Na verdade, os rituais da praxe são também ritos de promoção social, de eleva-

ção de status («Senti-me importante por estar trajada!»). Mesmo com a democratização da frequência do ensino superior, a entrada na universidade continua a ser muito valorizada na sociedade portuguesa, na medida em que, por um lado, confirma e premeia a capacidade intelectual e de trabalho do estudante e, por outro lado, porque se assume como uma estratégia de mobilidade social, já que se espera que as qualificações e diplomas conferidos funcionem como catalisadores positivos para actividades profissionais prestigiadas socialmente e melhor remuneradas. É esta ascensão social que a praxe representa que nos leva a poder considerá-la como um ritual de passagem, ou seja, «uma mudança irreversível de estatuto que por elevar e realçar os que lhe são sujeitos obriga a que, simbolicamente, sejam rebaixados à mais inferior das condições» (Turner, 1974: 202).

Sobre as praxes académicas, Claude Rivière (1995: 112) diz o seguinte: «Sob diferentes ângulos, as praxes modernas não se assemelham às iniciações arcaicas senão como simulacros desvitalizados porque puramente profanos. Elas prescindem de referentes religiosos a um princípio transcendente e não comportam ensinamentos específicos. Não são os adultos que iniciam os jovens, mas os jovens que obrigam os mais jovens a condutas de respeito e de obediência. O novo estatuto autenticado é o estatuto de estudante, transitório, portanto».

Perante tais dados, considerar a praxe académica como um conjunto inconsequente de jogos, brincadeiras e partidas aos e para os caloiros parece uma ideia descabida ou, pelo menos, bastante ingénua.

Expectativas: quando o entusiasmo se mescla com o receio

Alguns já sabiam: «ouvi histórias horríveis da praxe. Quase não dormi...» Estas eram as expectativas com que esta nova estudante universitária chegou ao limiar de uma nova fase da sua vida. Algum tempo depois, acaba por confirmar essas mesmas expectativas: «senti revolta e vontade de ir embora porque eles são duros. [...] somos humilhados...».

O fenómeno *praxe* assume importância tal nos rituais iniciáticos dos estudantes universitários que é esperado como quase uma inevitabilidade, sendo-lhe atribuída a causalidade do mais variados naipe de emoções e sentimentos («Senti pânico»).

A ansiedade e a expectativa parecem tomar conta das emoções dos novos alu-

nos: «Vinha nervoso porque não sabia o que vinha encontrar», sendo a ansiedade do desconhecido inúmeras vezes destacada neste diálogos da praxe.

Se nos debruçarmos na análise da diversidade de emoções percebidas (e narradas) associadas às vivências da praxe, encontramos a referência a uma diversidade considerável de emoções, com valências bastante díspares. Assim, a confusão e desorientação parecem ser as emoções mais vezes referidas («Senti-me completamente perdida.»).

Entre as emoções de carácter mais negativo, há a salientar ainda a humilhação («somos humilhados»), a tensão («Tive vontade de chorar e mordida o lábio por dentro e sabia que se chorasse ia ser humilhada») e ainda o sentimento de ridículo («é absurdo ter práticas como eles têm.»).

Significação da praxe: entre a tensão entre o dito e o percebido

No que diz respeito, aos objectivos últimos da praxe, as opiniões também divergem consideravelmente. Os discursos do vivido que aqui se nos apresentam proporcionam a imagem da praxe como forma de integração «A praxe deveria ser um momento de convívio extremamente amigável para conseguir a integração». No entanto, as percepções da sua eficácia a este nível diferem. Enquanto uns, consideram que a praxe «foi um grande sector de integração para mim e para a maior parte deles». Outros, duvidam da sua eficácia, reflectindo sobre aquilo que é dito e as verdadeiras intenções do que é feito: «... vi que aquilo [a praxe] já não tinha sentido para mim... até tenho uma atitude bastante crítica em relação à praxe porque trata-se ali de relações hierárquicas e de subordinação dos caloiros... e isso não tem nada a ver com a minha forma de estar e ainda por cima vai contra a filosofia deste curso...» ou ainda, «No ensino superior pensava que a praxe era uma coisa ótima que ninguém devia perder. Percebi que não, que podemos aceder a essa dimensão de conhecer pessoas sem ser pela praxe. Aliás pela praxe é, o meu ponto de vista, só nos ensina a ser submissos, em hierarquias e isso...». O conceito de praxe e as suas verdadeiras intencionalidades é mesmo posto em causa nos seus discursos: «Tem coisas positivas [a praxe], muitas coisas positivas e integram muitas pessoas, certamente integram e conheço muitos exemplos na minha turma, mas para mim, se calhar, integrava-me na mesma se não fosse à praxe... pode ser sinónimo disso para alguns mas não vejo grande utilidade na praxe, não vejo, e pronto.»

Praxe como processo de construção identitária

A promoção da coesão social entre os «caloiros» em particular, e entre estes e os outros estudantes de Ciências da Educação em geral, é também apontada como um dos resultados de viverem a experiência da praxe: «começar também a construir uma identidade».

Mas, ao construir o processo identitário com o grupo de pertença, podemos distinguir, por um lado, a aproximação às características e marcadores que um dado grupo ostenta e que o torna único (identificação com o *in-group* ou grupo desejado), mas também, por outro lado, o reconhecimento de oposição e distinções em relação a outros grupos que se assumem como rivais ou, pelo menos, distintos (oposição ao *out-group* real ou desejado). É a essa distinção identitária a que se refere um dos discursos, «a praxe é a praxe no sentido da integração naquilo que é o objectivo e na parte de formação pessoal porque as próprias relações que vamos tendo quer com quem já cá está quer com quem vai chegando vão tendo influência naquilo que nós vamos sendo.» Aliás, a coesão grupal e a construção da identidade enquanto estudante de Ciências de Educação é, várias vezes, valorizada, funcionando como um referente de análise da realidade: «... e, ainda por cima, numa Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação é absurdo ter práticas como eles têm, apesar de ser uma praxe benévola em relação a outras Faculdades...» Uma caloira vai até mais longe, referindo: «e isso não tem nada a ver com a minha forma de estar e ainda por cima vai contra a filosofia deste curso...».

Praxe como instituição de utilidade pública...

A ideia da utilidade prática da praxe é também vivida por alguns dos discursos como um dos objectivos, ou pelo menos, resultados da experiência da praxe. Mas também aqui os sentidos das opiniões divergem. Enquanto que para uns, a praxe não passa de «brincadeiras de mau gosto», para outros foram úteis: «foram as actividades praxísticas e aí a gente conheceu-se, ou pelo menos começámos a saber quem era, de onde era, que idade tinha, qual foi o percurso até aqui, o que espera disto e mais não sei quê... pronto... Começamos a conhecer, depois quando começaram as aulas, eu falo por mim, eu juntei-me mais com pessoas que se calhar estive na praxe e depois da praxe continuei a estar e já não estive tanto com outras...»

Na mesma linha, outro discurso clarifica melhor o que considera ser a componente utilitária da praxe: «dão a conhecer a Faculdade, a cidade e pronto... Se calhar, sinto-me na obrigação de passar alguns conhecimentos aos caloiros...».

O carácter informativo que a praxe ostenta para os caloiros parece-nos de relevância para a nossa análise. Repare-se na importância da praxe enquanto elemento estruturante na construção e consolidação da relação que o novo aluno começa a estabelecer com o seu novo ambiente e a sua nova vida.

Perante a polissemia que os objectivos do fenómeno praxe parece em si encerrar, parece-nos pertinente levar em linha de conta, na nossa análise, as propostas de alteração que os discursos vividos teceram face à sua própria experiência enquanto praxados. Na verdade, espontaneamente, os caloiros propõem sistemas de integração alternativa à praxe, ou então, alterações à própria estrutura praxística.

Para um elemento que faz parte da Comissão de Praxe, esta «não se esgota nas brincadeiras que se fazem ali. Para mim, a praxe é a praxe no sentido da integração naquilo que é o objectivo e na parte de formação pessoal porque as próprias relações que vamos tendo quer com quem já cá está quer com quem vai chegando vão tendo influência naquilo que nós vamos sendo.»

Tomar a praxe fonte de maior diversão para os caloiros é também uma proposta bastante reiterada: «A praxe devia ser num ambiente mais amigável: comida, música...». Outros corroboram e complementam esta opinião: «... A praxe devia ser um momento de convívio extremamente amigável [para] conseguir a integração. O objectivo deles [dos doutores] é esse mas a forma como está a ser feito não é a melhor. No dia da chegada [dos novos estudantes] devia ter recepção com música, amigável; outro dia para a apresentação caloiro-a-caloiro. Isso fazia sentido e, depois, fazer actividades, gritar o nome da Faculdade...»

No que diz respeito à concepção da praxe enquanto fonte privilegiada de informação, as opiniões divergem. Enquanto uns consideram que a informação acessível através da praxe deveria ser francamente acrescida e aprofundada, outros consideram que os conteúdos informativos deveriam ser alvo de revisão, quer em quantidade, quer em qualidade.

Uma outra sugestão visa a possibilidade da praxe assumir outra estruturação temporal, já que, a de então, poderia interferir com um início das actividades lectivas: «Na primeira semana tudo bem... agora, até Dezembro ou Janeiro... mas são regras... Todas as semanas até à queima é às tardes de quarta ou sexta... Acho que se fosse só uma hora... agora todas as semanas, não tem fundamento.»

Praxe: ceder e/ou sofrer

Sendo a praxe, uma actividade que pressupõe um carácter participativo assente no voluntariado, estranha-se, desde logo, quer as sugestões para a banir, quer as indicações para lhe atribuir um pressuposto do qual já goza. As palavras que emergem destes discursos levam-nos, pois a depreender o seu desconhecimento de tal prerrogativa, ou então, a ilação de que o carácter voluntário da participação na praxe seja apenas meramente teórico e que, na prática, encontremos estratégias persuasivas, cuja eficácia contribua para o engrossar das massas de caloiros que participam em tais rituais.

A obrigatoriedade implícita que deixa de o ser, pelo explícito da sanção a quem ousa discordar, atormenta quem lê as vivências feitas discurso... Uma caloira insular explicita bem todo este processo: «Claro que isto é uma liberdade um bocadinho camuflada. Não há cá liberdade, porque 90% das pessoas vão à praxe: quando nos dizem no início podes ser a favor da praxe ou antipraxe, nós percebemos que quem nos aborda são praxistas, pessoas que estão trajadas. Qual é a nossa margem para ser antipraxe? Quer dizer, isto é um bocadinho... Eu cheguei, vi toda a gente a ir à praxe... Eu era uma miúda e ainda por cima, vinha do interior cheia de medo, cheia de dúvidas... Deixa-me ir à praxe... foi essa a questão... Agora eles dizem que dão margem mas é uma margem um bocadinho relativa...»

Mas a jovem transmontana inquieta-nos com os seus sentimentos, feitos palavras: «No primeiro dia em que vim à praxe decidi que nunca mais vinha e fartei-me de chorar. Eu estava cá no Porto e estava naquela situação de fragilidade, não conhecia cá ninguém e é muito complicado e isso potenciou a minha reacção. Até disse à minha mãe que nunca mais ia, e depois falei com as pessoas que andavam na Faculdade mais velhas do que eu e elas disseram que eu ia ficar a perder por não ir à praxe porque uma pessoa era automaticamente excluída por não ir à praxe e isso eu também não queria. Eu queria ser incluída.» Ela mesmo admite: «Tive vontade de chorar, quase fazia uma ferida por morder o lábio... As pessoas falam mal mas eu continuo lá – é tipo chantagem psicológica...»

Integrar e acolher ou ser humilhado para poder humilhar... A questão mantém-se. Os discursos vividos são únicos e pessoais, tal como cada resposta a esta questão. Ritual fascista para uns; ritual de integração para outros... Se a dúvida permanece, uma certeza impõem-se: nenhum estudante do ensino superior pode ficar indiferente à praxe. A não tomada de posição é, por si só, uma posição...

Referências bibliográficas

- RIBEIRO, Rita (2001). *As lições dos aprendizes: As praxes académicas da Universidade do Minho*. Braga: Universidade do Minho, Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino/Aprendizagem.
- RIVIÈRE, Claude (1992). Le rite enchantant la concorde. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, XCII, 5-29.
- RIVIÈRE, Claude (1995). *Les rites profanes*. Paris: PUF.
- TAVARES, Diana Amado (2004). *O superior ofício de ser aluno: Integrar(-se) para viver (n) a universidade*. Tese de Doutoramento, FPCE-UP, Porto.
- TAVARES, Diana Amado (2004). A alunização da juventude: O jovem na sombra do aluno. *Politécnica*, 7, 6-22.
- VAN GENNEP, Arnold (1981). *Les rites de passages*. Paris: Picard.

COMENTÁRIO DE JOÃO TEIXEIRA LOPES

Dos bebés da «academia» aos «doutores do futuro»: Crónica da produção social de uma ficção

A minha principal hipótese heurística sobre as práticas estudantis que geralmente colocamos sob a designação de «praxe» ou «tradições académicas» é a de que tais práticas não correspondem a quaisquer tipos de rituais de passagem ou iniciáticos, ou, tão-pouco, de identidade ou interacção. O rito coloca o mito em acção, dizia Gusdorf, mas urge questionar: onde está o mito, a evocação do tempo primordial, o início e o fim? Onde estão as energias colectivas, inconscientes ou práticas, que forcem ou reforcem uma identificação, que criam um «Nós» ou uma consciência colectiva? Na verdade, as «praxes» são, em certo sentido, rituais falhados ou quase-rituais. Retóricas, por assim dizer. Quer isso dizer que de nada serve estudá-los? De modo algum. O seu interesse reside, precisamente, no seu fracasso enquanto acção ou criação de identidade colectivas. E nos sentidos desse fracasso. A «praxe» conta-nos histórias, teia densa de narrativas. Urge interpretá-las.

Concentremo-nos nos excertos das entrevistas. A «praxe» divide. Há quem reconheça práticas de dominação, jogos rasteiros de poder, exercício bruto da força, demonstração de uma sexualidade genderizada em que a masculinidade hegemónica se impõe (mesmo quando accionada pelas raparigas). Há quem o reconheça pela crítica; há quem o mencione pelo gozo:

Senti-me importante por estar trajada [...] Sabia-me bem ameaçá-los [...] há aquela coisa dos olhos no chão que nos custa muito, mas depois ganhamos o gosto. (Rapariga, 21 anos, Distrito do Porto).

[...] a maior parte das vezes não são coisas inocentes, são coisas que apelam muito à sexualidade e, às vezes, algumas coisas que me parece falta de educação e algumas anedotas obscenas e eu não me sentia bem a fazer isso... (Rapariga, 21 anos, Distrito de Vila Real).

... os doutores exigiam muito dos caloiros, obrigavam os caloiros a fazer coisas que eles não se sentiam à vontade e eles exigiam que ficássemos de quatro, às

vezes de dez, na lama, em cima da lama... obrigavam tipo a fingir orgasmos. (Rapariga, 23 anos).

É extraordinariamente relevante, aliás, que exista, por parte de vários estudantes, um reconhecimento da legitimidade da ordem e do poder (se quisermos: da estrutura política) na qual se baseia o campo das «tradições académicas», nomeadamente a hierarquia interna dos «caloiros», «semiputos» e «doutores» ou a validade de uma série de regras sem regra. Mas não por qualquer razão ideológica, no sentido forte do termo. Simplesmente, porque a insubmissão impediria tais discentes de usarem traje ou de participarem nas festas da «praxe». Uma das entrevistas refere mesmo o traje como «uma coisa maravilhosa».

Ora, vivemos precisamente o tempo em que a desvalorização deslizando dos diplomas cada vez menos garante uma homologia entre o título e o posto. Sobram, pois, os símbolos de uma «nobreza» que só é reconhecida enquanto dura o espaço-tempo de suspensão da condição universitária. A força da praxe assenta, pois, a meu ver, numa cultura da apresentação de si em espaços públicos e semi-públicos em que a ostentação de símbolos académicos (tão expressivos dos fenómenos de invenção e deificação da «tradição», coisa antiga, com história e pergamínhos, capaz de resgatar da insignificância biografias em que o passado é dificuldade, pobreza, miséria...) prolonga a ficção de um estatuto de certa forma extraordinário, produto, em boa medida, de trajectórias de recente mobilidade social ascendente por via do diploma; trajectórias que escondem, muitas vezes, o abismo face aos níveis de escolaridade dos pais; pais que, precisamente, investiram no percurso escolar dos filhos como fuga a persistentes culturas de pobreza e de reprodução social, uma vez abertas as «promessas» de Abril. Não estará aqui ausente, assim o creio, a *illusio*, essa espécie de crença colectiva, quase-cega, nas regras do jogo e no investimento que nele se gera (cf. Bourdieu, 1996). Ora, sendo curto o tempo de suspensão, antes das trajectórias pós-lineares ou dos «voos de borboleta» (Pais, 2001) dos espaços-tempos precários, importa «gozá-la» até à hipérbole, até à exaustão. A força da adesão à praxe advém da fraqueza da integração social que o título confere:

As pessoas nem sabem por que é que fazem... Este ano não participei. Vim uma vez trajada, o primeiro dia ou quê, mas só porque tinha curiosidade porque era o meu ano a praxar, mas, depois, sinceramente, pensei [...] que isto não tem qualquer significado [...] No 1º ano, eu sempre disse que a partir do momento

em que puder trajar nunca mais venho aí, nunca mais participo nisto, porque o meu objectivo era trajar. (Rapariga, 21 anos, Distrito de Aveiro)

...é mesmo isso, é saber estar na Faculdade para um dia mais tarde trajar. Nós somos bebês da academia, temos que obedecer...Mais tarde seremos os adultos a dar educação.

A capacidade de integração tem muito que se lhe diga. Na verdade, estou convicto que, a maior parte dos estudantes, não tendo outros grupos em contexto extra-universitário, entraria em situação de anomia. Não só são restritos os espaços-tempos da «praxe», no calendário lectivo, como, tirando o clímax da «semana da queima das fitas», as «tradições» são esquecidas:

...não há ninguém anti-praxe mas muita gente falta aos encontros semanais (Rapaz, 23 anos, «vindo das Ilhas»)

A adesão é relativamente distanciada e difusa. Muitos dos entrevistados dão conta, nas encruzilhadas dos seus percursos e reflexões, de altos e baixos de simpatia e participação, ora questionando violências, ora, logo a seguir, valorizando o sonho de se ver trajada, ora ainda, uns parágrafos adiante, reconhecendo perda de entusiasmo no decorrer do curso.

Quando a «academia» pára a cidade uma vez por ano, a cidade repara na «academia»... Ocorre-me, pois, a metáfora da «carnavalização», muito usada pelos antropólogos. Sete dias de paródia, para, no final, a situação vigente sair reforçada. Catarse colectiva, em que muitos dos códigos altamente restritivos que distanciam os grupos juvenis (nos quais os estudantes se enquadram) são provisoriamente suspensos numa ficção de unidade e homogeneização, a par da distanciação e distinção social face ao exterior. Mas, logo a seguir, regressam em força as estruturas de recursos e constrangimentos que antecipam futuros prováveis.

Eis, pois, uma história a decifrar, que os universitários contam a si próprios, aos outros, às famílias, à cidade. Um espaço-tempo em que, prisioneiros da passagem em que se encontram, a vivem como missão, «bebês da academia» que se transformarão em «doutores», qual milagre social; uma história que as fotografias eternizam; relatos de felicidade efémera, de corpos flamejantes, viris, eles, sedutoras, elas, na reprodução antiga de papéis sexuais de género e de duplo comportamento, apesar do fundo geral de facilidade, leveza e ausência de compromisso, experi-

mentação hedonista, «fun morality». Uma história em que se firma o tabu do futuro; futuro que significa, para a maioria, a instalação nos circuitos da precariedade. Uma história de crença a partir da descrença.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1996). *Lição sobre a lição*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas.
PAIS, José Machado (2001). *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Âmbar.

COMENTÁRIO DE GABRIELA MOITA

Dos testemunhos apresentados pelos alunos em relação à sua vivência da praxe, a partir das entrevistas feitas ao longo dos diferentes anos do curso, fica-nos a ideia de que o grande objectivo dessa suposta tradição seria facilitar «a integração» e a «adaptação» dos estudantes, bem como promover «a união» e a «solidariedade». Alguns dos entrevistados consideram que estes objectivos foram alcançados: «fiz muitos amigos na praxe e a maior parte das pessoas que conheço hoje foi graças à praxe»; «a praxe [...] ajuda à adaptação»; «foi uma boa recepção [...] abordaram-me de uma maneira simpática e gentil, ajudaram a preencher uns impressos e falaram comigo e eu ambientei-me às pessoas que estavam aqui dentro». Há mesmo quem acrescenta que a praxe lhe trouxe diversão. Há quem partilhe, por vezes, um sentimento de acolhimento: «Fui bem recebida... deram-me todas as informações que podiam dar». Porém, esse sentimento não parece manter-se em todos os alunos com o decorrer das actividades: «este ano (3º ano) não participei na praxe e se eu entrasse este ano para a faculdade era antipraxe, porque [...], depois de ver algumas coisas e de ler algumas coisas também, e de algumas experiências que eu ouço [...], [veja] que é uma maneira repressiva que não tem nada a ver com os valores que eles preconizam dentro da praxe «vamos ser todos amigos» [...]. Tudo o que eles dizem contraria, e contrariam-se, ao utilizarem uma coisa que se chama submissão passiva».

Alguns alunos, embora concordem que a praxe facilita a integração, referem que não necessitaram dela para a sua própria integração: «Tem coisas positivas [a praxe], muitas coisas positivas e integram muito as pessoas, certamente integram [...], mas, para mim, se calhar, integrava-me na mesma, se não fosse à praxe...». Finalmente, há alunos que se queixam de terem sido frustrados nas expectativas: «Disseram-me que era na praxe que se arranjam amigos... isso não aconteceu»; «eles dizem que o objectivo é inserir, mas eu não consegui».

São deixadas algumas sugestões. Além de uma clara referência «às partes boas [da praxe]», como por exemplo «passeios de barco», «passeios pela baixa do Porto», ou a responsabilidade do cuidar («ter um afilhado ou afilhada faz com que a gente sinta uma ligação à praxe»), é ainda feita a proposta de se criar um ambiente mais amigável com comida e música; de se fazerem mais actividades: gritar o nome da Faculdade, falar mais com os colegas, promover mais jogos.

O que leva os alunos a participar, segundo os testemunhos apresentados é, por

um lado, a vontade de «trajar», o «participar na vida académica», o «aderir à tuna» e, por outro lado, «o medo de sermos discriminados e sermos diferenciados», em suma, de se ser excluído: «uma pessoa era automaticamente excluída por não ir à praxe, e isso eu também não queria. Eu queria ser incluída».

Comum a todas as descrições das práticas desenvolvidas na praxe são comportamentos de repressão (olhar para o chão, não levantar os olhos, não olhar olhos nos olhos) de humilhação, («andar de quatro»), marcação de poder («berrar» os putos, os semiputos, os doutores) e abuso desse poder (o que é proposto é feito de forma humilhante). «Não gosto da rivalidade com que eles próprios [os doutores] tratam os caloiros, é bruto, é agressivo...».

Os alunos que referem maior grau de satisfação são aqueles que conseguem projectar-se no papel do poder, sujeitando-se agora para vir a fazer o mesmo no futuro – revelando exactamente um nível alto de satisfação quando chega a sua vez de (ab)usar (d) o poder: «Sabia-me bem ameaçar os caloiros... e lembrei-me imenso de quando foi a primeira vez que entrei na Faculdade». Os que assim não sentem, desistem: «Acho que para introduzir as pessoas novas na Faculdade e na cidade do Porto não tem que haver sofrimento» depois «vão-se vingar daquilo que lhes fizeram. Eu saí porque não concordo com o que me fizeram e, muito menos, [em] fazer isso aos outros. Por isso não participei».

As actividades propostas aos caloiros parecem denotar uma ligação expressiva com um tipo de sexualidade: «A maior parte das vezes não são coisas inocentes, são coisas que apelam muito à sexualidade e, às vezes, algumas coisas que me parecem falta de educação e algumas anedotas obscenas, e eu não me sentia bem a fazer isso»; «os doutores exigiam muito dos caloiros, obrigavam os caloiros a fazer coisas que eles não se sentiam à vontade, eles exigiam que ficassemos de quatro, às vezes de dez na lama, em cima da lama... obrigavam um tipo a fingir orgasmos». O que leva à obediência parece ser, mais uma vez, o medo da exclusão: «Fazia, mesmo contrariada».

Quanto ao objectivo que aqui fica enunciado, apenas há a referir o que poderia ser louvável: receber e integrar é um papel que cabe aos anfitriões, que se associa a inclusão, a contenção, a cooperação enfim, a um campo semântico ligado à promoção do bem estar e à igualdade, em suma, ao reconhecimento do ser humano («eu, às vezes, acho que aprendo mais na praxe do que nas aulas»). Todavia, a forma como este objectivo é concretizado é, a meu ver, um pouco bizarra: humilhar e desnivelar poderes, chegando, não raras vezes, ao insulto não pode ter qualquer resultado positivo, e o mais perverso é que pode mesmo ensi-

nar a não contestar tal acto, a suportar o humilhador – «as pessoas nem sabem porque é que fazem [o que as mandam fazer]. Valorizam-se as «relações hierárquicas e a subordinação», «a praxe só nos ensina a ser submissos em hierarquias»; «é para mostrar que eles são superiores a nós e eles é que mandam e nós, não».

Naturalmente que o espírito iniciático está presente nestas actividades, que se trata de um ritual de passagem. No entanto, as provas de esforço e de promoção de bravura são provas que estimulam a obediência a regras relativamente às quais não se percebem os objectivos: poderia ser deixar que os outros se divirtam com o corpo, mesmo quando isso provoca mal-estar. Ou aprender a suportar os maus-tratos. Sei que, infelizmente, acontecem maus-tratos em muitas organizações sociais e que, quanto maior for a capacidade de os suportar e/ou ignorar, maior é o bem-estar. Todavia, não penso que seja para isto que devamos educar os nossos jovens, mas sim para serem colegas funcionais, solidários. Parece-me ser mais produtivo aprendermos todos o respeito simétrico, e não o respeito hierárquico. O respeito não se deve a este ou àquele ser em particular, pelo que ele faz, pensa, pela posição que ocupa, ou pela idade que tem, mas sim ao ser humano. Quando todos nos comportarmos desta forma, será não só ridículo como impossível tratar as pessoas com humilhação para que os que humilham possam ser respeitados.